

VOZES DA DIVERSIDADE NEUROCOGNITIVA: UMA PESQUISA DE CAMPO COM ALUNOS NEURODIVERGENTES NO ENSINO SUPERIOR.

VOICES OF NEUROCOGNITIVE DIVERSITY: A FIELD RESEARCH WITH NEURODIVERGENT STUDENTS IN HIGHER EDUCATION

Micaella Fernandes ¹

Thatiellen Almeida Ribeiro ²

Universidade de Brasília

Neila Nunes de Souza³

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: Com este estudo investigamos a perspectiva de alunos neurodivergentes sobre suas jornadas em instituições de ensino superior. Por meio de um questionário online disponibilizado em grupos universitários, foram coletadas percepções sobre recursos, suporte, desafios e experiências de cada educando. Os desafios enfrentados durante o ensino remoto e o apoio social/emocional durante o isolamento foram explorados. Os resultados abrangem visões diversas sobre o apoio oferecido pelas universidades, destacando pontos fortes e desafios que ainda precisam ser superados. A compreensão das necessidades de adaptação e inclusão pela universidade também variou. Para fundamentar as discussões suscitadas nesta pesquisa, contamos com a contribuição dos teóricos Mantoan (2015), Mazzotta (2002) e Freire (1996, 2001). Percebemos que este estudo contribui para a discussão sobre inclusão no ensino superior, enfatizando a importância de possibilitar que a voz dos alunos neurodivergentes seja ouvida para a criação de um ambiente mais inclusivo. Sugestões para pesquisas futuras também são apresentadas.

Palavras-chave: Educação inclusiva; inclusão em ambiente de ensino; neurodiversidade;

Abstract: This study investigated the perspective of neurodivergent students about their educational journey in higher education institutions. Perceptions about resources, support, challenges, and experiences were collected via an online questionnaire. Challenges faced during remote learning and social/emotional support during isolation were explored. The results encompass diverse views on the assistance offered by universities, highlighting strengths and challenges that need to be overcome. The university's understanding of students' needs of adaptation and inclusion also varied. To underpin the discussions raised in this research, contributions from theorists Mantoan (2015), Mazzotta (2002) and Freire (1996, 2001) were considered. The study contributes to the discussion on inclusion in higher education, emphasizing the importance of enabling the voice of neurodivergent students for a more inclusive environment. Suggestions for future research are also presented.

¹ Graduada em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: micaella.fernandes95@gmail.com

² Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília. Graduada em Letras- Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade Federal do Tocantins. E-mail: Thatiellen.ribeiro@aluno.unb.br

³ Professora Doutora em Educação - UnB, Professora adjunta UFT. E-mail: neilasouza@mail.uft.edu.br

Keywords: Inclusive education; inclusion in educational settings; neurodiversity.

Submetido em 27/05/2025

Aprovado em 18/12/2025

Introdução

Imagine um ambiente universitário onde cada aluno é valorizado por suas habilidades únicas e onde as barreiras que costumavam limitar o acesso à educação são derrubadas. Neste cenário, a diversidade é celebrada e as necessidades individuais de cada estudante são atendidas de maneira eficaz e inclusiva. No entanto, a realidade muitas vezes se distancia desse ideal, revelando desafios significativos para alunos neurodivergentes e com necessidades educacionais especiais em sua busca por uma educação superior. Em um mundo em constante evolução, a missão de criar um ambiente universitário genuinamente inclusivo ganha destaque, exigindo uma análise profunda das percepções, recursos e suportes disponíveis para esses alunos. Este estudo busca lançar luz sobre essa questão vital, explorando as experiências, demandas e percepções dos estudantes neurodivergentes ou com necessidades educacionais especiais no contexto universitário.

A neurodiversidade, em particular, emerge como um tópico crucial no âmbito educacional, destacando a necessidade de compreender e promover a inclusão de alunos neurodivergentes nas instituições de ensino. Diante dessa perspectiva, surge a indagação sobre como as vozes dos alunos neurodivergentes são percebidas no ambiente acadêmico e como suas experiências podem influenciar a construção de ambientes educacionais mais inclusivos e sensíveis às suas necessidades. A literatura aponta para a escassez de estudos que explorem diretamente essas vozes, evidenciando uma lacuna de conhecimento nesse campo (Mackenzie et al., 2012)

A legislação brasileira, por exemplo a Lei de Diretrizes e Bases (1996) por meio da lei nº 12.796, assegura que o sistema educacional, independente se básico ou superior, precisa romper as barreiras encontradas para que se promova a inclusão do estudante na vida social de sua sociedade (Cerezuela e Mori, 2016). Além disso, outros documentos como a Declaração de Jomtien (1990) e a Declaração de Salamanca (1994) ressaltam o papel fundamental da educação para o desenvolvimento humano e das sociedades. Esses marcos legais são indicativos de que desde o fim do século passado caminha-se para a

adoção de um novo olhar sobre o diferente, não mais sob uma perspectiva excludente e segregadora, senão inclusiva.

Em 2015 um novo documento figurou no cenário das políticas públicas nacionais como um marco para que se observe como a sociedade brasileira está em relação à inclusão. A Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, mais conhecida como “Estatuto da Pessoa com Deficiência- Lei brasileira da Inclusão”. O direito à educação inclusiva está disposto no artigo 27 da referida lei, em que

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. (BRASIL, 2015, art. 27).

No artigo 28 ainda há a disposição das obrigações do poder público quanto ao acesso de pessoas com necessidades especiais ao ensino. Especificamente sobre o ensino superior a lei dispõe que

I - Aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena;

[...]

XIII - acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas;

XIV - inclusão em conteúdos curriculares, em cursos de nível superior e de educação profissional técnica e tecnológica, de temas relacionados à pessoa com deficiência nos respectivos campos de conhecimento (BRASIL, 2015, art. 28).

Apesar de a Inclusão ser um tema em voga, a literatura aponta que “não nos constituímos como uma sociedade inclusiva em nenhuma das esferas sociais.” (Rodríguez, 2013, p. 56). No contexto educacional, a perspectiva da neurodiversidade molda a abordagem das deficiências, levando em conta a variedade de formas de aprendizagem entre os indivíduos. Aspectos como identificação de padrões, processamento auditivo e cognitivo, interação social, métodos de comunicação, regulação emocional e comportamentos físicos estão diretamente ligados à maneira como pessoas neurodivergentes adquirem novas habilidades e conhecimento. A familiarização e a compreensão dessas características podem fornecer suporte aos educadores no planejamento dos processos educacionais para indivíduos com autismo e outras neurodiversidades (Armstrong, 2012).

Nesse contexto, a discussão que deu origem a este estudo teve seu ponto de partida nas interações em sala de aula durante a disciplina "*Fundamentos da Educação Inclusiva*", ministrada pela Professora Neila Nunes no curso de Letras na Universidade Federal do Tocantins (UFT) em 2023. Durante as aulas, exploramos a trajetória histórica da educação inclusiva, examinamos os documentos legais que norteiam a inclusão, analisamos políticas públicas relacionadas à educação especial e discutimos amplamente a inclusão escolar.

Motivadas por essas discussões e inspiradas pela busca por um ensino mais inclusivo, buscamos como objetivo geral desse estudo, analisar as perspectivas dos alunos neurodivergentes no ensino superior, a fim de compreender suas experiências, desafios e sugestões para a promoção da inclusão e diversidade no ambiente acadêmico potencializando suas vozes. Dessa forma, buscamos com essa pesquisa oferecer um olhar empírico sobre as experiências e percepções dos alunos neurodivergentes no ensino superior a partir de suas próprias percepções. Ao ampliar nossa compreensão sobre essa temática, esperamos contribuir para a promoção de práticas educacionais mais inclusivas e sensíveis à diversidade. A pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: "Quais são as principais experiências e percepções dos alunos neurodivergentes em relação à inclusão no ensino superior, e como essas vozes podem contribuir para a criação de ambientes acadêmicos mais inclusivos?"

Este artigo está estruturado da seguinte forma: a seção 2 apresenta uma revisão da literatura sobre neurodiversidade, inclusão no ensino superior e estudos anteriores relacionados ao tema. A seção 3 detalha a metodologia adotada para a coleta e análise dos dados. Os resultados são discutidos na seção 4, seguido de uma análise crítica e implicações na seção 5. A pesquisa é concluída com uma reflexão na seção 6.

Esperamos que este estudo forneça *insights* valiosos para educadores, pesquisadores e profissionais interessados em promover ambientes acadêmicos mais inclusivos e sensíveis à diversidade. Além disso, pretendemos contribuir com a literatura existente sobre inclusão e neurodiversidade, enriquecendo o diálogo em torno desse tema relevante para a educação contemporânea.

2. O que é Neurodiversidade?

O termo neurodiversidade, anteriormente entendido como pluralidade neuro

cognitiva, foi cunhado por Judy Singer em 1998 e é utilizado desde então. É um “novo paradigma que emerge de mobilizações sociais, estudos e pesquisas” (Manrique e Viana, 2020, p. 92). Segundo Abreu (2002, p. 19),

O conceito de neurodiversidade estabelece uma analogia com o de biodiversidade. Assim como a biodiversidade, de Edward O. Wilson, diz respeito a todas as espécies do planeta, a neurodiversidade seria referente à infinita pluralidade neuro cognitiva de todas as populações e sua subsequente importância para toda a humanidade. No trabalho original de Judy Singer, a neurodiversidade aparece como uma categoria analítica de interseccionalidade (Abreu, 2002, p. 19).

A noção de neurodivergência está também alinhada às políticas identitárias de inclusão, servindo assim como um termo guarda-chuva abrangendo outras diferenças neurobiológicas como o TDAH, Dislexia, síndrome de Tourette entre outras. Os pilares em que se sustenta o termo são: a teoria Feminista, as ideias do pós-modernismo e da pesquisa crítica. Isso porque é um conceito de cunho político que prioriza a proteção de minorias. O que se propõe é a valorização das diferenças visando ultrapassar os pressupostos clínicos e médicos, considerados reducionistas (Manrique e Viana, 2020).

Ainda segundo Abreu (2002), a ambiguidade do termo Neurodiversidade é o motivo principal para que haja dificuldade no entendimento do que ele realmente significa, já que pode referir-se tanto às características de um grupo específico quanto ao movimento social engendrado pelos ativistas neurodivergentes.

Dentro do movimento de Neurodiversidade, o cérebro é um ator social em destaque, já que seu funcionamento diverso é uma diferença identitária, indo além de uma diferenciação neurológica ou de sociabilidade. A deficiência ou a doença não são vistas como construções socioculturais de conformação dos corpos e do cérebro (Ortega, 2008). As pessoas com autismo ou alguma outra especificidade neurobiológica são chamadas de atípicas ou neurodivergentes, enquanto os que não tem, típicos ou neurotípicos.

2.1 Inclusão em ambiente escolar

É consenso que o sistema educacional brasileiro é um espaço excludente desde sua gênese, mantendo ainda uma educação dualista: uma para a elite e outra para as massas. A educação na perspectiva inclusiva é entendida como prática social que objetiva promover uma educação de qualidade para todos os estudantes, tendo como público principal os estudantes com necessidades especiais. Essa proposta educacional teve início

nas últimas décadas do século XX, para superar a anterior, designada integradora. A fase da inclusão prevê a extinção da segregação das modalidades de ensino e a inserção de todos os estudantes em salas de aula regulares (Cerezuela *et al*, 2021).

Segundo Mantoan (2003, p.16) “As escolas inclusivas propõem um modo de organização do sistema educacional que considera as necessidades de todos os alunos e que é estruturado em função dessas necessidades.”. Para que essa perspectiva educacional seja efetivada, é necessário haver uma mudança daquilo que se compreende como escola e como educação a fim de que todos sejam atendidos em suas especificidades no ambiente escolar. Uma metáfora conhecida no meio educacional para descrever a educação inclusiva é a do caleidoscópio em que “O caleidoscópio precisa de todos os pedaços que o compõem. Quando se retira pedaços dele, o desenho se torna menos complexo, menos rico. As crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado” (Mantoan, 2003, p.17).

Complementando essa perspectiva, o pensamento de Paulo Freire também contribui para a discussão sobre inclusão educacional. Freire (1993) propôs uma educação libertadora, na qual os alunos são participantes ativos no processo de aprendizado. Ele argumentava que a educação deve ser baseada na problematização das realidades dos estudantes, permitindo-lhes refletir sobre seu contexto e participar ativamente na construção do conhecimento. Sua abordagem pedagógica destaca a importância do diálogo, da conscientização e da prática transformadora, elementos que podem ser integrados na educação inclusiva para promover uma participação ativa e empoderada de todos os alunos no ambiente escolar (Freire, 1993; Mantoan, 2003).

3. Metodologia

A presente pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa (Gerhardt e Silveira, 2009), que se mostrou apropriada para investigar em profundidade as percepções e vivências dos alunos com neurodiversidade ou necessidades especiais no âmbito do ensino superior. O método que se mostrou mais adequado aos objetivos propostos para essa pesquisa foi a pesquisa com *Survey*, definido por Santos (1999 apud Gerhardt e Silveira, 2009, p.39) como “a pesquisa que busca informação diretamente com um grupo de interesse a respeito dos dados que se deseja obter. Trata-se de um procedimento útil, especialmente em pesquisas exploratórias e descritivas.”. Como é próprio do método, o instrumento de coleta de dados empregado foi um formulário

estruturado, composto por 12 perguntas, 11 subjetivas e 1 objetiva, sendo essa apenas para identificação se estudante da UFT ou de outra instituição. As perguntas foram assim elaboradas para permitir aos participantes uma expressão plena e detalhada de suas experiências. Esse método de coleta de dados permitiu-nos adotar uma plataforma online, flexível e acessível: o *Google Forms*.

O *corpus* escolhido para este estudo foi composto por um grupo de dez participantes. Um requisito para a participação foi ser estudante do ensino superior e se dispor a compartilhar suas perspectivas sobre o ensino superior e a neurodivergência. Atuando de acordo com o método escolhido e para assegurar a confidencialidade e privacidade das informações, as respostas dos participantes foram tratadas de forma anônima, sendo identificadas apenas por categorias amplas, como curso e semestre, sem qualquer menção de identificação pessoal.

A divulgação do formulário e o convite para participação foram realizados por meio de grupos universitários no aplicativo de mensagens WhatsApp, que reúne estudantes de algumas instituições. A partir da divulgação do formulário, foi possível alcançar uma diversidade de participantes e captar uma gama de experiências e perspectivas relacionadas à inclusão e ao suporte no contexto acadêmico.

A análise dos dados coletados foi baseada em uma abordagem qualitativa de análise de conteúdo (Bardin, 2011). Esse método permitiu a identificação de padrões, temas recorrentes e nuances nas respostas dos participantes. Cada resposta foi examinada, categorizada e interpretada, buscando compreender as diferentes perspectivas e sentimentos expressos pelos alunos em relação à inclusão e diversidade no ambiente universitário.

Dessa maneira, a metodologia empregada neste estudo possibilitou uma compreensão aprofundada das vozes e experiências dos alunos neurodivergentes ou com necessidades educacionais especiais no ensino superior, contribuindo para uma análise reflexiva e crítica das dinâmicas de inclusão e suporte nesse contexto educacional.

A pesquisa foi conduzida durante o mês de julho, período de férias acadêmicas. A decisão de conduzir a pesquisa durante as férias visou mitigar potenciais obstáculos que os participantes poderiam enfrentar em períodos letivos, como sobrecarga de tarefas e obrigações acadêmicas. Isso permitiu uma maior disponibilidade de tempo para os estudantes refletirem e compartilharem suas experiências de forma mais abrangente e aprofundada.

O uso das redes sociais, especificamente grupos universitários no WhatsApp, mostrou-se uma estratégia eficaz para alcançar um público diversificado geograficamente e de diferentes instituições de ensino. Essa abordagem possibilitou a inclusão de perspectivas e realidades variadas, contribuindo para enriquecer a compreensão das demandas e desafios enfrentados por alunos neurodivergentes ou com necessidades especiais em diferentes contextos universitários.

Ainda que tivéssemos o desejo de atingir um número ainda maior de participantes por meio do formulário, é importante ressaltar que reconhecemos a vasta quantidade de informações e conteúdos circulando nos grupos universitários do WhatsApp. Compreendemos que a saturação desses canais pode limitar a visibilidade da pesquisa e a participação ativa dos estudantes. Mesmo diante dessa limitação, agradecemos aos participantes que dedicaram seu tempo e esforço para compartilhar suas perspectivas, enriquecendo significativamente nossa compreensão sobre as experiências dos alunos neurodivergentes ou com necessidades especiais no contexto acadêmico.

4. Resultados

Nos resultados a seguir, apresentaremos as análises e reflexões derivadas das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa em questão. As perguntas abordadas no questionário, que engloba diversos aspectos relacionados ao suporte oferecido pela universidade; compreensão das demandas e necessidades dos alunos; impacto do ensino remoto e sugestões de melhorias para uma experiência inclusiva, estão dispostas no quadro abaixo para referência:

Tabela 01 - Perguntas do formulário

1) Você é aluno da UFT?
2) Qual é o seu curso e semestre? caso não seja aluno(a) da UFT favor informar sua universidade. Exemplo: Letras, 5º período - UNB.
3) Você se identifica como um aluno(a) neurodivergente ou com necessidades especiais? Se sim, em quais aspectos?
4) Como você descreveria sua experiência como estudante na universidade considerando sua neurodiversidade ou necessidades especiais?
5) A universidade oferece recursos e suporte adequados para alunos neurodivergentes ou com necessidades especiais? Se sim, quais você já utilizou e como tem sido a experiência?
6) Como a comunidade universitária (professores, colegas de classe, funcionários) reage e apoia alunos neurodiversos ou com necessidades especiais?

7) Você já enfrentou dificuldades em acessar espaços físicos ou recursos na universidade devido à sua neurodiversidade ou necessidades especiais? Como isso foi tratado?
8) Além das acomodações específicas, a universidade oferece algum tipo de suporte acadêmico ou emocional para auxiliar alunos com neurodiversidade ou necessidades especiais?
9) Na sua opinião, a universidade compreende adequadamente as demandas e necessidades dos alunos neurodiversos ou com necessidades especiais nas atividades acadêmicas?
10) Durante o período de ensino remoto, quais foram os principais obstáculos que você enfrentou em relação à sua neurodiversidade ou necessidades especiais?
11) Durante o período de isolamento social, como você se sentiu em relação ao apoio social e emocional da comunidade universitária?
12) Quais melhorias ou mudanças você acredita serem importantes para promover uma experiência mais inclusiva e acolhedora para alunos neurodivergentes ou com necessidades especiais dentro da Universidade?

Fonte: formulário desenvolvido pelas autoras (2023)

A pesquisa contou com a participação de alunos de diferentes cursos e semestres de instituições como a UFT, UFPI e UNIFSA. Dentre os respondentes, 44,4% são alunos da UFT, enquanto os demais estão distribuídos em outras instituições. As respostas revelam uma diversidade de cursos, semestres e instituições representadas pelos participantes. A análise das respostas revela uma gama de experiências e percepções dos alunos neurodivergentes no ensino superior: 1) falta de identificação como aluno, 2) suas condições neurodiversas; 3) experiência acadêmica e 4) desafios enfrentados.

A falta de identificação como aluno neurodivergente foi mencionada por alguns participantes. No entanto, a maioria reconheceu a importância de compartilhar experiências para ampliar a conscientização sobre a neurodiversidade. Alguns participantes compartilharam suas condições neurodiversas, como TDAH, altas habilidades e Transtorno do Espectro Autista (TEA nível 1).

A experiência acadêmica foi descrita de formas variadas. Alguns destacaram a falta de apoio e suporte adequados para lidar com suas necessidades específicas. Sensibilidade sensorial, ansiedade e dificuldades de interação social foram mencionadas como desafios enfrentados. Muitos ressaltaram a necessidade de compreensão e sensibilidade dos professores em relação às suas condições. A falta de conhecimento docente sobre neurodiversidade foi percebida como um obstáculo, levando alguns alunos a esconder seus laudos. Além disso, a sobrecarga acadêmica, prazos apertados e a adaptação ao ensino online também foram mencionados como fatores que impactaram as experiências dos alunos neurodivergentes. Alguns responderam de forma mais positiva,

enfatizando a superação de desafios e a capacidade de acompanhar os colegas. A busca por estratégias de estudo e adaptação também foi citada.

As respostas revelam percepções variadas quanto aos recursos e suporte oferecidos pela universidade para alunos neurodivergentes ou com necessidades educacionais especiais. Alguns participantes mencionaram a existência de recursos específicos, como programas de bolsas e informações adaptadas para atender às necessidades dos alunos neurodivergentes. Porém, a maioria dos respondentes relatou uma falta de apoio efetivo por parte da universidade. Professores desprovidos de formação adequada e um programa de apoio psicológico limitado foram citados como exemplos dos recursos disponíveis. Alguns alunos recorreram ao serviço de psicologia, mas destacaram a duração insuficiente do suporte prestado. Conforme aponta um dos participantes:

“Sim, temos psicólogos disponíveis e uma sala para que alunos, sejam deficientes ou não, possam se acalmar. Ela tem menos estímulos como luminosidade, mas conta com stim toys, óculos escuros e abafadores de ouvido.” (Participante 3).

A reação e apoio da comunidade universitária em relação aos alunos neurodivergentes também foram temas de discussão. Enquanto alguns relataram se sentir bem acolhidos e incluídos, um participante observou que *"Alguns professores ou não reconhecem minha deficiência ou desacreditam das minhas dificuldades de socialização ou aprendizagem"* (Participante 01). Por outro lado, alguns participantes mencionaram que:

"as pessoas que participam [dos serviços de suporte] são receptivas e acolhedoras e elas sempre passam informações e dão dicas muito boas do que podemos fazer para ajudar outras pessoas neurodivergentes" (Participante 05).

No que diz respeito ao acesso a espaços físicos e recursos na universidade, a maioria dos respondentes não mencionou dificuldades significativas. Como também observou um participante: *"uma vez que meu nível de suporte é baixo, acredito não ter tido alguma dificuldade em acessar algo ou alguma coisa por causa da neurodiversidade"* (Participante 07). Por outro lado, outro participante mencionou que *"no restaurante universitário, a questão do barulho é um desafio"* (Participante 08).

A pesquisa realizada sobre o suporte oferecido pela universidade a alunos com neurodiversidade ou necessidades especiais revelou uma variedade de opiniões e

experiências. Além das acomodações específicas, a presença de suporte acadêmico e emocional foi discutida. Algumas respostas indicam uma falta de conhecimento ou acesso a esse tipo de apoio, enquanto outras mencionam a presença de profissionais como psicólogos, embora a conscientização e utilização desses serviços possam variar.

No que diz respeito à compreensão das demandas e necessidades dos alunos neurodivergentes, as respostas mostram uma visão mista. Alguns entrevistados expressaram ceticismo quanto à capacidade da universidade de compreender e atender adequadamente a essas demandas. Alguns até sugerem que a falta de preparo dos professores para lidar com alunos neurodiversos é um obstáculo significativo. No entanto, outras respostas destacam ações positivas, como adaptações nas provas e atividades para alunos com necessidades específicas.

Quando se trata dos desafios enfrentados durante o ensino remoto devido à pandemia, vários alunos mencionaram dificuldades de concentração, perda de foco e sobrecarga sensorial. Alguns encontraram conforto na diminuição dos estímulos sociais, enquanto outros lutaram para manter a atenção e produtividade em um ambiente doméstico. Alguns relatam falta de apoio, compreensão ou recursos específicos durante esse período.

A questão do apoio social e emocional durante o isolamento também gerou diversas respostas. Enquanto alguns perceberam serviços de psicologia online disponíveis, outros sentiram uma ausência geral de apoio por parte da comunidade acadêmica. Alguns mencionaram a falta de inclusão e apoio emocional durante esse período desafiador.

Além disso, foi possível destacar as sugestões para melhorias que visam a promoção de uma experiência mais inclusiva e acolhedora. Muitos entrevistados ressaltam a importância do treinamento e capacitação dos professores para entender e atender às necessidades dos alunos neurodiversos. Também é sugerido um currículo mais flexível, conscientização sobre a neurodiversidade e uma abordagem mais individualizada para as demandas de cada aluno. Além disso, a indicação de orientadores ou monitores treinados para lidar com neurodivergentes e um maior suporte psicológico foram mencionados.

Observa-se uma intersecção entre os temas emergentes, destacando a complexidade das experiências dos alunos neurodivergentes. Enquanto alguns enfrentam dificuldades significativas devido à falta de apoio e conhecimento docente, outros se

forçam a superar desafios e se integrar ao ambiente acadêmico.

As respostas dos participantes corroboram a importância da discussão em sala de aula, como mencionada na introdução. A falta de conhecimento sobre neurodiversidade entre os docentes é evidente, refletindo-se nas dificuldades enfrentadas pelos alunos no ambiente acadêmico. As experiências compartilhadas pelos participantes reforçam a necessidade de um maior entendimento das necessidades educacionais especiais e da inclusão no contexto universitário.

Essa análise dos resultados oferece uma visão panorâmica das experiências e percepções dos alunos neurodivergentes no ensino superior, ressaltando desafios, obstáculos e, ao mesmo tempo, evidenciando a resiliência e a busca por superação por parte dos alunos. A diversidade de vivências reforça a importância de abordagens individualizadas e sensíveis às necessidades específicas de cada aluno neurodivergente.

5. Discussão

A pesquisa em análise proporcionou uma investigação básica sobre a experiência de alunos neurodivergentes em contextos universitários, abrangendo desde a oferta de suporte até os obstáculos enfrentados durante o ensino remoto. Ao discutir os resultados obtidos, é relevante conectar as ideias destacadas por Maria Teresa Égler Mantoan (2003), como também explorar a perspectiva trazida por Paulo Freire no contexto da inclusão educacional em pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa (1996).

O estudo apontou a presença de recursos específicos oferecidos pelas universidades, como programas de bolsas e informações adaptadas. Mantoan (2003) ressalta que a inclusão não se limita à mera presença física, mas envolve adaptações curriculares e metodológicas que respeitem a individualidade de cada aluno. Nesse sentido, a oferta de recursos adaptados e a busca por formas diferenciadas de aprendizado são passos essenciais para atender às necessidades dos alunos neurodivergentes, alinhando-se à visão inclusiva preconizada pela autora.

Entretanto, a pesquisa também evidenciou desafios, como a falta de capacitação dos professores e a falta de compreensão das demandas dos alunos neurodivergentes. Mantoan (2003) destaca a importância da formação contínua dos educadores e da promoção de um ambiente inclusivo. A ausência de compreensão sobre as necessidades individuais dos alunos, conforme apontado pelos participantes, ressalta a necessidade de

sensibilização e conscientização. Nesse contexto, as reflexões propostas por Freire (1996) sobre a educação como prática de liberdade ganham relevância. A promoção de um diálogo constante entre educadores e alunos neurodivergentes pode ser vista como um caminho para superar esses obstáculos. Ao adotar uma abordagem freiriana de respeito e diálogo, as instituições de ensino superior podem não apenas compreender melhor as necessidades individuais, mas também estabelecer um ambiente mais acolhedor e colaborativo. Freire (1993) enfatiza a importância do diálogo entre educador e educando, respeitando as experiências e realidades de cada aluno. A sobrecarga sensorial, a falta de concentração e as demais dificuldades relatadas pelos participantes refletem a necessidade de se criar ambientes de aprendizado que levem em conta a individualidade de cada estudante, como propõe Freire.

A falta de suporte emocional e psicológico relatada por alguns participantes deste estudo encontra ressonância na análise de Mackenzie et al. (2012) sobre as reformas na educação e a necessidade de promover aspirações. A ausência de um suporte efetivo para lidar com questões emocionais e psicológicas pode afetar não apenas o desempenho acadêmico, mas também o bem-estar dos alunos neurodivergentes. Assim, a implementação de estratégias de apoio que atendam às dimensões emocionais e psicológicas se mostra crucial para a promoção da inclusão e da diversidade.

Ademais, a reflexão de Paulo Freire (1996) acerca da inclusão escolar e a necessidade de reconhecer a individualidade de cada aluno se conecta diretamente com a necessidade de adaptações curriculares e metodológicas mencionadas pelos participantes. A compreensão de que a diversidade é uma realidade inerente ao contexto educativo, como propõe Freire, fortalece a ideia de que as instituições de ensino superior devem estar preparadas para receber e atender as particularidades de todos os alunos, incluindo os neurodivergentes. Mantoan (2003) enfatiza a criação de um ambiente inclusivo e acolhedor, livre de preconceitos, enquanto (FREIRE, 1996, p. 93). preconiza um ambiente de diálogo que promova a valorização das experiências de cada aluno.

As melhorias e mudanças sugeridas pelos participantes, como a capacitação dos professores e a conscientização sobre neurodiversidade, também são congruentes com as ideias dos autores. Mantoan (2003) enfatiza a necessidade de se criar um ambiente livre de preconceitos e que valorize a diversidade. Freire (1996) preconiza um diálogo transformador, que considere as realidades e necessidades dos alunos para uma educação mais inclusiva e significativa.

Em suma, ao conectar as conclusões da pesquisa com as perspectivas de Mantoan e Freire, é possível perceber a urgência de se promover uma educação inclusiva que respeite a individualidade dos alunos, ofereça suporte adequado e crie um ambiente que valorize a diversidade. As recomendações dos participantes reforçam a necessidade de capacitação dos educadores, adaptações curriculares e a promoção de um diálogo empático entre todos os envolvidos no processo educativo, alinhando-se às visões de inclusão e educação transformadora.

Dessa forma, a análise dos resultados desta pesquisa, em diálogo com as perspectivas de Mantoan (2003), Freire (1996) e Mackenzie et al. (2012), evidencia a importância de uma abordagem inclusiva e acolhedora no ensino superior. A compreensão das demandas individuais, a promoção do diálogo, a sensibilização dos educadores e a implementação de suporte emocional e psicológico emergem como elementos cruciais para a promoção da inclusão e diversidade no ambiente universitário. Nesse sentido, a busca por estratégias pedagógicas, políticas institucionais e capacitação docente voltadas para a neurodiversidade e necessidades especiais se mostra imperativa para a construção de um ensino superior verdadeiramente inclusivo e enriquecedor.

Contudo, reconhecemos as limitações deste estudo, como o tamanho da amostra e a abordagem qualitativa que pode não abarcar todas as perspectivas. No entanto, a busca por uma compreensão mais profunda sobre o tema é um passo importante.

Para estudos futuros, sugere-se uma investigação mais ampla e abrangente, envolvendo diferentes instituições de ensino superior e contemplando diversas neurodiversidades e necessidades especiais. Além disso, a exploração de estratégias pedagógicas e políticas institucionais que promovam a inclusão e a diversidade pode fornecer reflexões para a criação de ambientes mais acolhedores e acessíveis no ensino superior.

Conclusão

Ao longo desta pesquisa, examinamos as percepções dos alunos neurodivergentes ou com necessidades educacionais especiais em relação à inclusão e diversidade no ensino superior. Através da análise das respostas fornecidas pelos participantes, foram identificadas diversas nuances que delineiam a experiência desses alunos nas instituições de ensino superior. A pesquisa revelou tanto as conquistas quanto os desafios enfrentados

por esses alunos, bem como as percepções sobre os recursos, suporte e entendimento da comunidade acadêmica.

Os resultados desta pesquisa contribuem para a área de inclusão e diversidade no ensino superior, oferecendo reflexões valiosas sobre a eficácia das estratégias atuais e os desafios a serem superados. A reflexão sobre as demandas individuais dos alunos, a importância da capacitação docente, a necessidade de sensibilização e o impacto do suporte emocional e psicológico são aspectos que emergem como pontos cruciais para a promoção de um ambiente acadêmico inclusivo e acolhedor. A conexão entre os resultados desta pesquisa e as perspectivas de autores como Mantoan (2003), Freire (1996) e Mackenzie et al. (2012) reforça a relevância da exploração desse tema para a transformação das práticas educacionais.

Por fim, é fundamental reiterar a importância contínua de dar voz aos alunos neurodivergentes. A inclusão e a diversidade no ensino superior não são objetivos estáticos, mas sim processos em constante evolução. As experiências e perspectivas dos alunos neurodivergentes devem ser consideradas como orientadoras na busca por um ensino superior mais inclusivo, enriquecedor e capacitador. A promoção da voz dos alunos neurodivergentes não apenas contribui para a melhoria das práticas educacionais, mas também para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde cada indivíduo possa florescer plenamente em seu potencial único.

Referências bibliográficas:

ABREU, M. R. de. *Inclusão, diversidade e educação: reflexões sobre a formação de professores*. Revista Brasileira de Educação, n. 19, p. 16-30, 2002.

ARMSTRONG, T. *Neurodiversity in the classroom: strength-based strategies to help students with special needs succeed in school and life*. ASCD, 2012.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. *Lei nº 13.146*, de 6 de julho de 2015. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 de julho de 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. *Métodos de Pesquisa*. 1ª edição. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

MACKENZIE, R.; WATTS, J.; HOWE, L. *Supporting aspirations – or not? Recent reforms on equality, the green paper on Special Educational Needs and the potential of a neurodiversity spectrum statement*. Tizard Learning Disability Review, v. 17, n. 1, p. 36-48, 2012. DOI: 10.1108/13595471211207138.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. *Inclusão Escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

MANRIQUE, Ana Lúcia Guedes; VIANA, Bruno de Oliveira. *Política de Inclusão e Educação Superior: reflexões sobre o Programa Incluir e a Lei 13.409/2016*. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 26, n. 1, p. 91-106, 2020.

MORI, N. N. R.; CEREZUELA, C. *Inclusão e Educação Especial na Educação Básica: Um Estudo das Cinco Regiões Brasileiras*. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2021.

ORTEGA, Francisco. *Autismo y síndrome de Asperger*. Editorial Síntesis, 2008.

RODRIGUERO, C. R. B. *A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: Retratos da região sudeste do Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.